

PURPER, Raquel. Escola Livre de Dança de Porto Alegre: encontros com a educação somática. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestre em Artes Cênicas.

RESUMO

Este artigo tem o propósito de apresentar alguns “encontros” entre alunos e professores da Escola Livre de Dança, a qual foi criada em 2007 pelo Centro de Dança da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e que tem como objetivo oferecer aulas gratuitas a artistas que queiram aprofundar o conhecimento em dança. O tema apresentado neste artigo faz parte dissertação “Políticas de encontro: criação e colaboração nos processos do Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre”, defendida na UFRGS em abril de 2011. O primeiro capítulo desta investigação apresenta os encontros vivenciados na Escola em diferentes estilos de dança durante os anos de 2008 e 2009. Foi realizado um estudo inspirado na etnografia, por meio de entrevistas e observação participante. Aqui, será apresentada uma reflexão sobre os encontros nas aulas de educação somática, mais especificamente em 2008, com a professora Tatiana da Rosa, e em 2009, com a professora Bia Diamante, por meio de depoimentos dos alunos entrevistados sobre a experiência em questão. Neste espaço singular que se constitui a Escola Livre de Dança de Porto Alegre, os alunos puderam experimentar a educação somática por meio do encontro consigo mesmo — autoconhecimento e encontro com o outro, pelo exercício constante da alteridade.

Palavras-chave: Encontro. Educação Somática. Experimentação.

ABSTRACT

This article has the purpose of presenting some of the “encounters” between students and teachers of the Free School Dance, which was created in 2007 by the Center for Dance of the Government of the City of Porto Alegre and that its aims is to offer free classes to artists who want to deepen their knowledge in dance. The theme presented in this article is part dissertation “Policies of encounter: creation and collaboration in the processes of Experimental Group of Dance to Porto Alegre”, defended at UFRGS, in april 2011. The first chapter of this research presents the “encounters” experienced, in Free School, in different styles of dance during the years 2008 and 2009. A study was carried out based on ethnography, through interviews and participant observation. Here will be presented reflection on the “encounters” in somatic education classes, more specifically, in 2008, with teacher Tatiana da Rosa and in 2009 with the teacher Bia Diamante, through testimonies of the students interviewed on the experience in question. In this space singular that it constitutes the Free School of Dance in Porto Alegre, the students have been able to experience the somatic education through the encounter with oneself — self-knowledge and encounter with the other, through the constant exercise of otherness.

Keywords: Encounter. Somatic Education. Experimentation.

Neste artigo, serão abordados aspectos relativos aos “encontros” dos alunos com a educação somática na Escola Livre de Dança de Porto Alegre. O artigo apresenta recortes de minhas experiências e dos dançarinos entrevistados nas aulas de educação somática, sendo aqui retratadas por meio de uma breve reflexão entre os depoimentos verbais e alguns princípios teóricos relativos à educação somática. O primeiro “encontro” que irei relatar aconteceu com a professora Tatiana da Rosa, em 2008. Digamos que foi um encontro muito especial, pois além de partilhar com os colegas uma aula ministrada com extrema sensibilidade, também pôde ser um encontro de cada um consigo mesmo. Tatiana da Rosa iniciou sua experiência em dança com o balé clássico. É formada em Publicidade e Propaganda pela UFRGS e Mestre em Educação pela FACED – UFRGS. Estudou com a coreógrafa Trisha Brown¹ em Nova Iorque.

Tatiana da Rosa me apresentou à educação somática. Nas primeiras aulas, confesso que achava os exercícios um pouco monótonos e sentia, às vezes, até vontade de dormir. No decorrer do processo, percebi que este estado de sonolência também poderia fazer parte do aprendizado, pois proporcionava um conhecimento profundo e sensível do próprio corpo e despertava minha atenção às vontades expressas pelo meu corpo em um determinado dia. Aprendi a me conhecer melhor por dentro e a respeitar e ouvir as necessidades mais internas. Nesse ano de 2008, além de experimentar de fato a educação somática, pude entender como estes princípios de análise do funcionamento do corpo podiam também se transformar em coreografia. Eram exercícios de aula, mas também movimentos criados a partir do corpo de cada um. Montamos uma sequência de movimentos, na qual cada um dos dançarinos tinha sido o criador de, pelo menos, um desses movimentos. Aqui, pudemos viver a experiência da educação somática como princípio de criação coreográfica por meio de um trabalho de colaboração entre professor e aluno.

Segundo Soter (2006), a educação somática “corresponde aos diversos métodos de trabalho corporal em que os aspectos motores, sensoriais, perceptivos e cognitivos são abordados simultaneamente” (p. 114). Alessandro Rivellino, um dos dançarinos entrevistados, expõe o que se lembra das aulas de Tatiana da Rosa e revela a percepção da forte conexão entre os aspectos a que Soter se refere:

(...) eu acho que este trabalho me trazia uma sensibilidade muito forte e, enfim, eu sempre fui um cara muito sensível em vários aspectos, e descobrir isso com o corpo, descobrir que se tu respirares fundo em determinada posição, isso vai te trazer muitas coisas, para mim foi um grande achado... da inteligência corporal, de como realmente o corpo está conectado a tudo, a todas as tuas emoções, a todo o teu passado, ele está marcado, cheio de informações... Ele é o órgão primário de recepção e transmissão de informações... (RIVELLINO, 2010).

¹ Trisha Brown, uma das coreógrafas centrais do movimento da dança pós-moderna americana, apresentou suas performances pela primeira vez na Judson Church, em Nova Iorque, um lugar de encontro de uma comunidade artística irreverente que integrou bailarinos, artistas visuais, poetas, músicos e cineastas.

A educação somática desperta no aluno o gosto pela autoinvestigação por meio do movimento de seu corpo. Bolsanello (2008) explica que, na medida em que a consciência de uma pessoa se expande — usando o corpo como veículo dessa expansão — mais ela estará apta a construir sentidos sobre sua própria emoção. Juliana Rutkowski, dançarina entrevistada, relata uma sensação de presença a qual ela nunca havia sentido antes, em uma aula na qual ficamos deitados por uma hora e ela experimentou um inesquecível “encontro de costas”. A dançarina percebe a expansão da consciência por meio do corpo:

(...) eu lembro que a gente ficou quase uma hora deitados... uma hora! E eu acho que nessa uma hora exploramos o movimento das escápulas, dos braços e do esterno pelos braços e daí, depois de uma hora, a gente começou a querer sentar e daí era a partir do quadril ou da coluna ou da cabeça; a gente começou a se movimentar bem lentamente e eu lembro que era uma coisa que estavam todos lentos. Não foi uma coisa que precisou ser dita... e eu lembro que, de repente, eu estava me mexendo e as minhas costas encostaram nas costas do Ricardo [um dos colegas de aula] eu estava sentada e eu tive uma sensação de presença muito grande; eu me senti muito ligada e sabendo o que estava acontecendo, eu sabia qual era a posição que o Ricardo estava, só tendo encostado as minhas costas nas costas dele. Eu sabia como ele estava, não foi um susto, foi um encontro, um abraço de costas... eu estava muito atenta, eu estava tranquila, serena e muito atenta ao espaço, e eu nunca tive isso antes e nunca tive isso depois com tanta certeza (RUTKOWSKI, 2011).

O ano de 2009 foi marcado pelo emocionante “encontro” com a professora Bia Diamante. Ela atua como orientadora corporal de bailarinos, atores e pessoas em geral, dando aulas particulares desde 1997. Utiliza em seu trabalho diversos métodos de construção da consciência corporal, tendo como referência Mézières², Feldenkrais³, entre outros, que são considerados dentro do âmbito da educação somática.

Estar na aula da Bia e estar com a Bia é um grande encontro, um dos maiores e mais sensíveis que já tive em um grupo. Além de os exercícios afetarem meu corpo e minha emoção diretamente, a professora Bia Diamante afeta. Afecção, segundo Espinoza, é deixar-se afetar pelo conhecimento. As afecções seguem a natureza dos corpos e provocam movimentos ou repouso. Certos corpos ou ideias compõem conosco, ou seja, nos provocam sentimentos de alegria e aumentam nossa potência de agir. Outros, no entanto, provocam sentimentos de tristeza e diminuem nossa potência de agir. Para Deleuze (2002), quanto mais afecções é capaz um corpo, mais conhecimento a alma é capaz, ou seja, quanto mais um ser humano se deixa ser afetado pelas relações, mais possibilidades de construção de conhecimento ele tem. A Bia ensina pela afecção, suas ideias aumentam nossa potência de agir e, assim, nos proporcionam enormes possibilidades de construção de conhecimento. Juliana Rutkowski revela esse comportamento da professora em relação aos alunos:

² O Método Mézières é um método reeducacional da postura, que parte do princípio de que temos mais músculos posteriores do que anteriores e que a musculatura posterior do corpo forma uma cadeia contínua, sendo o corpo trabalhado como um todo.

³ O Método Feldenkrais utiliza as percepções que o movimento do corpo no espaço traz à consciência para tornar mais eficientes e econômicos os movimentos que integram o dia a dia. As descobertas feitas a partir dessas ações revelam habilidades que estavam escondidas por trás de esforços mal direcionados. Uma vez descobertas essas habilidades, podem ser desenvolvidas e integradas no dia a dia.

(...) e as conversas com a Bia, as aulas que eram muito faladas e com a simplicidade dela, numa doçura, numa proximidade com o aluno, numa amizade e também tinha os momentos que ela citava coisas que a gente dizia para ela... Coisas que nem a gente lembrava que dizia... e ela dizia: “E como a Raquelzinha disse...”, e a Raquel olhava e pensava: “Eu disse isso?” e aí a Bia continuava o raciocínio e daí a Raquel se dava conta de que tinha dito aquilo mesmo... E as célebres frases dela... Bom, “o movimento tem que ter dignidade” eu não quero esquecer nunca mais... E a abertura que ela sempre deu para que a gente dissesse se os exercícios estavam ou não funcionando... Em nenhum momento teve este cinismo de ter que dar uma resposta positiva para a professora... É abrir o esquema da aula dela para isso, sabe... para qualquer imprevisto, qualquer acontecimento, é um atendimento especial que ela dá para algum aluno que não está podendo ficar em determinada posição, por algum motivo... A necessidade que ela tinha que a gente estivesse sempre presente, não importando o estado em que a gente estivesse e se a gente iria fazer a aula ou não... A gente não era obrigado a fazer a aula, mas que a gente estivesse lá, para estar naquele momento juntos, compartilhando, para se conhecer, para afinar a relação... Em nenhuma outra aula um professor deixou isso tão claro e com tanta vontade, porque daí na próxima aula, quando tu chegasse, ela perguntava o que tinha acontecido, que ela estava preocupada... E isso ajudava na relação com a Bia, porque tu percebias que ela sabia da tua falta, sentia a tua falta... A humanidade da Bia sabe... de ser uma pessoa humana, mesmo... (RUTKOWSKI, 2011).

Além do estabelecimento de relações afetivas, a professora Bia Diamante inclui no seu trabalho também a relação do corpo com o objeto. Joana Vieira, dançarina entrevistada, relembra do trabalho com o objeto, mais especificamente com a “bolinha”, proposto pela professora. Segundo Bolsanello (2008), a presença de objetos introduz o “outro” na esfera gestual. Ao perceber o que acontece no corpo e no espaço simultaneamente, a experiência com o objeto auxilia na conciliação de propriocepção e exterocepção. Ao conduzir uma pequena bola pela planta do pé, o corpo se abre em diálogo com o espaço. O objeto torna concreta essa presença, modulando seus apoios, propondo direções. A dançarina, então, revela a possibilidade de expressão verbal simultaneamente à relação do próprio corpo com o objeto:

Em 2009, conheci a Bia, arrasou né... adoro, amo! Na aula dela tu aprendes a te olhar, te cuidar, tu podes falar de alguma imagem que venha à tua cabeça, com a bolinha embaixo do teu pé, o que aquilo faz contigo... era uma aula que me dava muito prazer... (VIEIRA, 2010).

Nas aulas de educação somática, o aluno não copia os movimentos do professor, mas é guiado por comandos verbais, ou seja, a execução dos movimentos é sentida e vivenciada de modo pessoal por cada um. Isso mostra que o foco da aula de educação somática é o processo, a experiência vivida, o “como” se aprende os movimentos propostos. Bolsanello (2005) observa que o objetivo do professor de educação somática é levar o aluno a entrar em contato com as sensações que ele tem de seu próprio corpo e despertar a atenção ao processo de aprendizado dos exercícios, evitando um comportamento automático e ausente. Ele aprende o conteúdo do exercício por meio de sua própria experiência e não a partir de teorias ou manuais, nem copiando o modelo do professor. A experiência do aluno é valorizada pelo professor como

sendo única na medida em que seu objetivo é levá-lo a entrar em contato com o aspecto subjetivo de seu corpo.

Pela observação e experiência prática nas aulas de educação somática da Escola Livre de Dança, pude perceber que o processo desse aprendizado busca validar a experiência subjetiva de cada aluno como fonte de conhecimento. As professoras, em nossos “encontros” de troca, evitaram impor valores sobre a estética ou a eficácia do corpo. Na verdade, o objetivo principal sempre foi guiar os alunos em direção às próprias descobertas somáticas e suscitar reflexões sobre a corporeidade. Uma aprendizagem autêntica e durável em educação somática deve ser fundamentada na experiência e nas descobertas que o aluno faz de seu próprio corpo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLSANELLO, Débora. **Educação somática**: investindo na tecnologia interna. 2008. Disponível em: <www.movimentos.com> Acesso em: 5 ago. 2011.

BOLSANELLO, Débora. **Educação somática**: o corpo enquanto experiência. 2005.

Disponível em: <www.movimentos.com> Acesso em: 5 ago. 2011.

DELEUZE, G. **Espinoza**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

RIVELLINO, Alessandro. Porto Alegre. 21 out. 2010. Entrevista concedida a Raquel Purper.

RUTKOWSKI, Juliana. Porto Alegre. 6 jan. 2011. Entrevista concedida a Raquel Purper.

SOTER, Silvia. **A educação somática e o ensino da dança**. In: Lições de dança 1. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2006.

VIEIRA, Joana. Porto Alegre. 18 nov. 2010. Entrevista concedida a Raquel Purper.